



Revista Cristã

Última Chamada

Edição Especial
sobre o Apocalipse

o Sétimo Selo as Sete Trombetas

Comentário

Preterista

sobre o

Apocalipse

César Francisco Raymundo

Vol. 8

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

Autor:

César Francisco Raymundo

**- Revista Cristã Última Chamada -
Edição Especial sobre o Apocalipse
Vol. 8**

Editor

César Francisco Raymundo

Periódico Revista Cristã Última Chamada, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Contato com o autor:

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Maio de 2015

Londrina – Paraná

**Revista Cristã
Última Chamada**

www.revistacrista.org

Todos os direitos reservados.

Índice

Introdução.....4

- **Comentário em 22 Volumes.....4**

Capítulo 8

- A Abertura do Sétimo Selo
– Silêncio e Julgamento.....5
- As Sete Trombetas.....6
- A Primeira Trombeta: A Vegetação é Destruída.....11
- A Segunda Trombeta: O Mar é Atingido.....14
- A Terceira Trombeta: Às Águas são Atingidas.....20
- A Quarta Trombeta: Os Céus são Atingidos.....24

Bibliografia do Capítulo 8.....28

Introdução ---

Depois do severo julgamento do sexto selo, uma pausa foi dada no capítulo sete para selar e proteger os crentes fiéis. Os terríveis julgamentos não terminam com a abertura do sexto selo, pelo contrário, o sétimo selo abre uma série de mais sete flagelos.

Comentário em 22 Volumes

O livro do Apocalipse possui vinte e dois capítulos. Para que ficasse mais leve para o leitor fazer consultas, resolvi dividir este comentário em vinte e dois volumes ou ebooks. Cada ebook abordará um capítulo do Apocalipse em especial. Acompanhe no site da Revista Cristã Última Chamada o lançamento de cada Volume.

Capítulo 8 _____

A Abertura do Sétimo Selo – Silêncio e Julgamento

“Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora”. (Apocalipse 8.1)

Há muitas possibilidades sobre o significado deste silêncio. O silêncio gera ansiedade, expectativa e grande temor. Alguém em silêncio fala mais alto do que se realmente estivesse falando em viva voz. O silêncio de um inimigo é terrivelmente tenebroso. A esta altura em que Israel estava sofrendo o castigo divino, o silêncio age de uma forma aterrorizante. O silêncio do sétimo selo realmente é aterrorizante, pois ao abrir o selo esperava-se que viesse mais um castigo divino, mas, acontece o contrário, *“meia hora”* de silêncio apenas. Isto indica algo assombroso que possa vir.

É possível ver esse silêncio também como um tempo de reverência a Deus. Isto nos remete ao profeta Habacuque 2.20: *“O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra”*. Também pode ser pelo fato de que Deus fala através do silêncio. Moisés, em um de seus discursos finais a Israel, disse:

“Falou mais Moisés, juntamente com os sacerdotes levitas, a todo o Israel, dizendo: Guarda silêncio e ouve, ó Israel! Hoje, vieste a ser povo do SENHOR, teu Deus.

Portanto, obedecerás à voz do SENHOR, teu Deus, e lhe cumprirás os mandamentos e os estatutos que hoje te ordeno”.

(Deuteronômio 27.9-10)

As Sete Trombetas

“Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”. (Apocalipse 8.2)

As sete trombetas fazem parte da abertura do sétimo selo. Creio que o cumprimento integral do sétimo selo são as trombetas. Nos tempos do Antigo Testamento, as trombetas eram utilizadas para:

1. Reunir o povo para a guerra;
2. Para o culto;
3. E ordens de marcha enquanto os israelitas estavam atravessando o deserto.

Creio que as sete trombetas representam a chamada para a guerra. Temos aqui um cenário parecido com o cerco à cidade de Jericó. Neste cerco Israel “é instruído a soar a trombeta, uma vez por dia durante sete dias e, em seguida, sete vezes no dia da batalha. Este é o dia da batalha. As trombetas agora vão soar sete vezes. Ao longo do sopro da Trombeta as muralhas de Jericó caíram e se tornaram planas; e as Sete Trombetas do Apocalipse também são um prelúdio para a queda de uma grande cidade”.¹

“Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos”. (Apocalipse 8.3-4)

Mais uma vez aqui em Apocalipse vemos como as orações dos crentes têm importância diante de Deus (inclusive as das almas que clamam debaixo do altar – Apocalipse 6.9).

A Igreja cristã “é, portanto, um retrato vívido do poder da oração, e também da necessidade de orar para o julgamento e pela justiça. A igreja é muito frequentemente omissa neste aspecto central da intercessão. Suas orações são pietistas e humanistas, sem se

preocupar com a justiça de Deus e indevidamente preocupadas com a fuga em vez de batalha”.²

Em Lucas 18.7 Jesus fala que Deus fará justiça aos seus escolhidos, os quais em oração clamam a Ele de dia e de noite. Na oração por justiça, devemos lembrar o conselho de Paulo que diz: “...*não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor*”. (Romanos 12.19)

“E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto”.

(Apocalipse 8.5)

O incensário levava as orações dos santos. Sobre a cena do anjo jogando o incensário à terra, encontramos algo semelhante em Isaías 6 onde “um serafim tira uma brasa do altar para purificar o profeta (Isaías 6:6-7). A purificação que segue no Apocalipse vem por meio do castigo dos ímpios. Fogo do céu tem duas funções na Bíblia:

1. Consumir os sacrifícios oferecidos ao Senhor (1 Crônicas 21:26; 2 Crônicas 7:1), e;
2. Castigar os inimigos de Deus (2 Reis 1:10,12; Lucas 9:54).

Podemos ver aqui os dois sentidos, pois a morte dos inimigos de Deus apazigua a ira divina”.³

Dá para notar que as orações dos santos voltam a terra em forma de ira. Lembremos sempre que “terra” no contexto do Apocalipse refere-se à terra de Israel. O julgamento descrito no Apocalipse tem a ver com Jerusalém e a nação como um todo.

Segundo Ralph E. Bass, Jr. a ironia da passagem de Apocalipse 8.5 “torna-se evidente quando se tem em mente que se trata de uma profecia contra o apóstata Israel. No culto do Antigo Testamento, o fogo sobre o altar do holocausto originou-se do céu, descendo sobre o altar, quando o tabernáculo e o templo estavam prontos (Levítico 9:24; II Crônicas 7:1). Este fogo, iniciado por Deus, foi mantido aceso pelo sacerdote, e foi levado de um lugar para outro, de modo

que ele poderia ser usado para iniciar outras fogueiras santas (Levítico 16:12-13; cf. Números 16:46-50; Gênesis 22:6).

Agora, quando o povo de Deus era ordenado para destruir uma cidade apóstata, Moisés dizia: “Você deve reunir todo o seu despojo no meio da sua praça aberta e queimar todo o seu espólio com o fogo como holocausto ao Senhor vosso Deus” (Deuteronômio 13:16; Juízes 20:40; cf. Gênesis 19:28). A única maneira aceitável para queimar a cidade como um holocausto foi com fogo de Deus trazido desde o altar. Assim, quando a cidade estava para ser destruída, o sacerdote tomava fogo do altar de Deus e usava para acender a pilha de espólio que servia como gravetos, assim oferecendo toda a cidade como um sacrifício. E esta prática de colocar uma cidade “sob a proibição”, de modo que nada sobreviva ao fogo (Deuteronômio 13:12-18), é o que o livro de Apocalipse usa para descrever o juízo de Deus contra Jerusalém.

Deus colocou Jerusalém sob a proibição. Um fogo santo do Altar (8:5) agora é usado para acender a cidade trazendo as maldições da aliança sobre Israel como havia prometido. Temos um quadro semelhante de destruição da cidade de Jerusalém em 586 a.C. em Ezequiel [Ezequiel 10:2-19]”.⁴

Os judeus sofreram diversas vezes por causa de seu pecado. Anos e mais anos de repreensões divinas não foram suficientes, pois por último, mataram o Senhor da Glória. Foi por isto que Jesus disse a respeito da terra de Israel: “*Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder*”. (Lucas 12.49) No livro do Apocalipse vemos claramente que o dia e à hora de “*lançar fogo sobre a terra*” havia chegado.

“E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto”.

Depois que o incensário é lançado na terra acontece trovões, relâmpagos e uma tempestade. Isto faz lembrar do Salmo de Asafe que diz:

“Vem o nosso Deus e não guarda silêncio; perante ele arde um fogo devorador, ao seu redor esbraveja grande tormenta.

Intima os céus lá em cima e a terra, para julgar o seu povo.

Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios.

Os céus anunciam a sua justiça, porque é o próprio Deus que julga.

Escuta, povo meu, e eu falarei; ó Israel, e eu testemunharei contra ti. Eu sou Deus, o teu Deus”.

(Salmos 50.3-7)

Curiosamente, “terremotos [...] ocorreram durante a horrenda noite quando os Idumeanos foram excluídos de Jerusalém, um pouco antes de o cerco a Jerusalém começar. Josefo diz que “uma grande tempestade caiu sobre eles durante a noite; ventos violentos, acompanhados pelas chuvas mais fortes, com raios constantes e os mais tremendos trovões, com horrendos estrondos de terremotos. Parecia que as fundações do mundo tinham sido confundidas para destruir a humanidade; e as pessoas podem certamente imaginar que esses eram sinais para o que estava por vir!”⁵

Por usarmos os escritos do historiador Flávio Josefo, nós, os preteristas, somos frequentemente acusados por dispensacionalistas de que somos dependentes dos escritos dele, e que sem Josefo não haveria preterismo. O dispensacionalista Randall Price acusa que “o Preterismo, [...] força a interpretação da maioria dos textos proféticos, principalmente daqueles que se referem à destruição de Jerusalém, para que seu cumprimento se encaixe nos acontecimentos relativos à Primeira Revolta Judaica, considera a destruição do povo judeu como o elemento central da profecia”.⁶ Randall também acusa que o preterismo faz “correlações” baseadas na interpretação escatológica tendenciosa [dos escritos] do historiador judeu Flávio Josefo...”,⁷ e acrescenta a idéia do preterismo “reinterpretar o texto a fim de ajustá-lo aos detalhes históricos preferidos...”⁸

É bom que fique claro, que o mesmo pode ser dito do dispensacionalismo. Muitos defensores do dispensacionalismo interpretam os textos baseados nas últimas notícias dos jornais, e, alguns, tentam ajustar os textos bíblicos as últimas notícias. Isto não pode ser dito de todos, mas mesmo entre os mais respeitados e equilibrados dispensacionalistas, no final das contas, você vai ouvir

algo do tipo: *“Você não vê como está o mundo? Jesus está voltando as profecias estão se cumprindo!”*

É fato, que nós preteristas não somos dependentes dos escritos do historiador Flávio Josefo que viveu no primeiro século da era cristã. Se não tivéssemos nada disponível dos escritos dele, saberíamos mesmo assim que o que Jesus disse de fato aconteceu, e que Jesus é um verdadeiro profeta. No entanto, posso dizer que Deus nos agraciou em nos dar detalhes sobre o cerco a Jerusalém e, poder com isto, ver o quanto a profecia bíblica se cumpriu a risca. Os dispensacionalistas fazem isto com outras profecias cumpridas do Antigo Testamento. Deveríamos ser gratos a Deus pelos escritos de Josefo!

“Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar”. (Apocalipse 8.6)

Com a abertura dos sete selos tivemos uma des-criação da ordem cósmica. A “velha criação” que era a antiga aliança havia chegado ao seu fim. Para isto, Deus castiga sua ex-esposa, a nação judaica por sua infidelidade. Entre trombetas, selos e taças, podemos notar que “o Apocalipse é dividido em vários ciclos de julgamento, cada ciclo levando a uma descrição de uma decisão vinda de Cristo contra Israel e Jerusalém, bem como uma imagem do estado eterno final”.⁹

Assim como a “velha criação” estava indo embora, uma “nova criação” apontava no horizonte, novos céus e nova terra, os quais habitam a justiça foram inaugurados - ainda no primeiro século da era cristã – e atingirão a sua plenitude quando Cristo voltar segunda vez.

A Primeira Trombeta: A Vegetação é Destruída

“O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde”.

(Apocalipse 8.7)

As pragas das quatro primeiras trombetas nos remetem as pragas ocorridas no Egito através de Moisés. Deus envia pragas ao Israel apóstata “em conformidade com as sanções da aliança ameaçadas em Deuteronômio 28 e Levítico 26”.¹⁰ Aqui em Apocalipse Deus está mandando pragas contra uma nação que “*espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado*”. (Apocalipse 11.8)

O antigo Egito era o grande inimigo de Israel. Na época de Moisés Deus teve que destruir o Egito para libertar o seu povo. Numa situação semelhante, temos aqui em Apocalipse a nação apóstata de Israel que se chama “Egito”, espiritualmente falando. Para que o verdadeiro Israel de Deus que é a igreja, seja liberto das perseguições dos judeus, Deus semelhantemente manda destruição sobre esse “Egito”.

“...e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra”.

Essa “primeira trombeta nos lembra das pragas usadas para castigar os egípcios. Na sétima praga, caiu “chuva de pedras e fogo misturado com a chuva de pedras” (Êxodo 9:24). Na primeira, as águas se tornaram em sangue (Êxodo 7:17)”.¹¹

“Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde”.

A “terça parte” indica que não temos aqui uma destruição total de Jerusalém e da terra de Israel. O uso da expressão “terça parte” foi inspirado a partir de Zacarias 13.7-8:

“Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a mão para os pequeninos.

Em toda a terra, diz o SENHOR, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela”.

Uma vez que o Pastor (Jesus Cristo) foi ferido, agora a “terra” de Israel (não o planeta Terra) teria que sofrer as conseqüências. A terça parte preservada são os cristãos judeus. Apocalipse 8.7 reflete especificamente Ezequiel 38 que fala de Gogue vindo contra Israel (Ezequiel 38.18-22).

“Os judeus acreditavam que o inimigo de Deus, Gogue, era uma potência estrangeira que atacaria Israel. João aqui aplica os juízos de Deus sobre Gogue e sobre o apóstata Israel. O apóstata Israel é o inimigo de Deus; e ambos, Roma e Israel, são os objetos da Sua ira.

Essa primeira trombeta destrói a vegetação. O historiador judeu Flávio Josefo diz algo sobre isto:

“Nem os romanos, fora da raiva que deu à luz a essa tentativa, deixaram de fora nem de noite nem de dia, queimando os lugares na planície, ou roubando o gado que estavam no país, e matando tudo que parecia capaz de lutar perpetuamente, e levando as pessoas mais fracas como escravos para o cativoiro: para que a Galiléia fosse toda preenchida com fogo e sangue; nem foi isenta de qualquer tipo de miséria ou de calamidade...”¹²

“Entretanto, os romanos em vinte e um dias terminaram as novas plataformas, não obstante a dificuldade em encontrar a madeira necessária para tal obra. Eles devastaram toda a região a oitenta estádios nos arredores de Jerusalém; e **jamais a terra ficou tão**

desfigurada. Onde outrora havia bosques e árvores frondosas, jardins deliciosos, não havia agora uma única árvore, e não somente os judeus, mas os estrangeiros, que antes admiravam aquela formosa parte da Judéia, agora não seriam capazes de reconhecer, nem ver os maravilhosos arrabaldes daquela grande cidade, convertidos em terrenos abandonados e silvestres, sem que tão deplorável mudança os fizesse derramar lágrimas. Foi assim que a guerra de tal modo destruiu uma região tão favorecida por Deus, que já não lhe restava o menor vestígio de sua beleza antiga e podia-se perguntar em Jerusalém, onde então estava Jerusalém”.¹³

Eu sei que os atuais pregadores do fim do mundo, bem como dispensacionalistas que compõem a maioria das igrejas, irão ridicularizar essas citações de Josefo. Mas, vamos ver o que é mais ridículo. Atualmente, o chamado interprete “literalista” do Apocalipse acredita em coisas absurdas e contraditórias. Eles acreditam que literalmente o Apocalipse diz que um terremoto moverá montanhas e ilhas de seus lugares e meteoros cairão no planeta Terra. Também acreditam que no final dos sete anos de tribulação Jesus regressará com sua noiva e tocará com seus pés o monte das Oliveiras que será dividido ao meio (interessante que dos montes e ilhas que foram removidos o monte das Oliveiras permaneceu intacto). Sobre essas questões, o escritor Hank Hanegraaf acertadamente disse que se “os diversos outros gêneros literários não são compreendidos, as Escrituras naufragam num mar de contradições”, e, “insistir em declarações extremamente literais inevitavelmente leva à conclusão de que Bíblia contradiz a si mesma”.¹⁴

A Segunda Trombeta: O Mar é Atingido

“O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue...”. (Apocalipse 8.8)

Em primeiro lugar, é necessário entender o que significa essa *“montanha ardendo em chamas”*. Quando Deus *“revelou as suas intenções de castigar a Babilônia, ele usou linguagem semelhante à da segunda trombeta: “Eis que sou contra ti, ó monte que destróis, diz o SENHOR, que destróis toda a terra; estenderei a mão contra ti, e te revolverei das rochas, e farei de ti um monte em chamas. De ti não se tirarão pedras, nem para o ângulo nem para fundamentos, porque te tornarás em desolação perpétua, diz o SENHOR”* (Jeremias 51:25-26).

Montanhas freqüentemente representam autoridades ou reinos (Isaías 2:2). O mar servia como um dos principais meios de comércio (Isaías 23:2; Ezequiel 27:3). [...] O mar, também, pode representar os povos do mundo (Salmo 98:7; Isaías 23:11; 41:5; Ezequiel 26:16-18; Daniel 7:2-3). O castigo aqui seria a derrota de uma grande autoridade, atingindo os povos da terra”.¹⁵

É interessante que embora a cidade de Babilônia fosse chamada de *“monte que destróis”*, ela foi construída em uma planície desértica, não nas montanhas. A profecia de Jeremias que foi aplicada para a antiga Babilônia é agora aplicada contra a nova Babilônia do tempo de João, a Jerusalém terrena. Além disto, Israel foi chamado de *“monte da tua herança”* em Êxodo 15.17. O povo de Israel sempre era identificado através do monte Sião e Sinai.

O mais interessante de tudo é que o Senhor Jesus falou uma mensagem acerca do monte:

“Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente.

Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira!

Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.

(Mateus 21.18-22)

Sobre esta passagem, Ralph E. Bass, Jr. escreveu o seguinte:

“Mateus 21 é uma passagem que fez pouco sentido para muitos cristãos, pois, certamente, nenhum de nós conheceu um crente que fez tal oração. Mas espera; vamos perceber o contexto em que foi falado: primeiro temos a Entrada Triunfal; em seguida, vemos a limpeza do templo; e finalmente, temos a história da Figueira Estéril. Neste contexto, Cristo está apresentando-se a Israel como seu Messias. Nessa qualidade, Ele é a limpeza de seu próprio templo. Em seguida, ele ilustra a rejeição de seu governo na história da figueira estéril de Israel. É neste ponto que Ele menciona a oração de lançar esta montanha (8:8); não montanhas em geral, mas esta montanha (8:8), é assim como Ele olhou para Jerusalém, para o mar e o mundo gentio. E assim vemos aqui cumpridas e ouvidas no ano 70 d.C., as orações dos santos e as orações dos mártires por vingança contra Jerusalém”.¹⁶

Isto não significa que os santos mártires tinham prazer na morte do perverso. Deus diz em Ezequiel 33.11 que Ele mesmo não tem prazer na morte do perverso. Mas, é uma oração pedindo justiça.

Já vimos que “mar” significa metaforicamente o mundo gentio, os povos do mundo. Uma vez que Israel era o “monte” ou a “montanha” incendiada pelo fogo do altar de Deus, obviamente que nem todos morreram, mas seus sobreviventes foram lançados ao “mar”, ou seja, no mundo gentio. Aqui se cumpre o que Cristo falou em Lucas 21.24: “*Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém*

será pisada por eles". Assim, o "mar" das nações engole Israel na semelhança da antiga Babilônia:

"Como foi tomada Babilônia, e apanhada de surpresa, a glória de toda a terra! Como se tornou Babilônia objeto de espanto entre as nações!

O mar é vindo sobre Babilônia, coberta está com o tumulto das suas ondas".

(Jeremias 51.41, 42)

Alguém já disse que interpretar assim a "*grande montanha ardendo em chamas [que] foi atirada ao mar*", parece diminuir a glória e o poder de Deus. Que Deus pode tudo é a coisa mais óbvia do mundo para mim. No entanto, não é aquilo que achamos que deve decidir a interpretação do Apocalipse. Não devemos interpretar literalmente os símbolos apocalípticos. Preste atenção, falei sobre não interpretar "**os 'SÍMBOLOS' apocalípticos literalmente**". Porque se fosse assim, teríamos que admitir coisas absurdas. Imagine uma besta de verdade se levantando do mar? Imagine aparecer uma mulher vestida de sol voando no céu? Qual seria a interpretação certa, então? A profecia do Apocalipse tem cumprimento literal?

Uma vez que no Apocalipse foi usado símbolos, devemos entender que não é o símbolo em si que deve ser levado em conta literalmente, mas o significado por trás do símbolo. Veja que a profecia de Apocalipse 8.8 fala de uma "*grande montanha*". A grande montanha é o símbolo, mas o significado que o símbolo esconde é que essa montanha trata-se de Israel. Teve cumprimento literal? Sim! O que estava por trás do símbolo se cumpriu literalmente, ou seja, Israel como uma grande montanha foi lançado ao mar (nações gentílicas).

Outra coisa; os símbolos do Apocalipse não podem ser interpretados de acordo com a imaginação e interpretação do leitor. Devemos levar em conta cinco critérios:

1. Devemos ter Jesus como Chave hermenêutica (ou de interpretação). O que Jesus disse claramente nos evangelhos sobre o tempo do fim e sobre a geração que veria tais coisas deve ser levado em consideração em primeiro lugar.

2. As passagens claras das Escrituras devem lançar luz sobre as passagens obscuras. Há vários textos do Novo Testamento que são claros sobre a questão do tempo do fim. Eles podem lançar luz nas passagens difíceis do Apocalipse.
3. Dois terços do Apocalipse aludem a passagens do Antigo Testamento, e isto indica que as referências do Antigo Testamento também devem ser usadas na interpretação do Apocalipse.
4. Devemos levar em consideração o contexto histórico em que João vivia. O Apocalipse é um documento do primeiro século. Portanto, devemos considerar que a simbologia usada deveria ser de conhecimento das sete igrejas da Ásia para as quais o Apocalipse foi enviado.
5. É importante levar o Preterismo Parcial em consideração. Durante muitos anos estivemos reféns da escatologia dispensacionalista. Graças aos recursos da internet, o preterismo surge no cenário brasileiro como um caminho alternativo para os estudantes do Apocalipse.

Nossos professores de Bíblia fazem muita confusão com tais gêneros literários apocalípticos, não sabem explicar satisfatoriamente a diferença entre o cumprimento literal do que há por trás do símbolo ou se é o próprio símbolo que deve ter um cumprimento literal. Lamento informar que já encontrei entre os professores de Bíblia, muitos analfabetos funcionais que são aqueles indivíduos que não desenvolveram a habilidade de interpretação de textos, mesmo que tenham passado pela escola ou até mesmo faculdade.

“...cuja terça parte se tornou em sangue...”.

O fato do mar se tornar em sangue é uma linguagem da primeira praga no Egito (Êxodo 7.17).

“...e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações”.

(Apocalipse 8.9)

Já disse anteriormente sobre a questão do “mar” significar os povos gentios. Respeitando o **CONTEXTO** deste versículo, vemos que João acrescenta “*criação que tinha vida*” e as “*embarcações*”. Temos que ter muito cuidado ao lidar com cada contexto do livro do Apocalipse. A simbologia pode estar misturada com elementos reais. Mas quem determina isto é o **CONTEXTO**, e no caso, em questão, temos a presença de alguns elementos reais como já foi dito. Não se trata de escolher ou separar por conveniência aquilo que é simbólico ou literal. Devemos sempre ter em mente que foi Jesus mesmo quem disse que os eventos do tempo final ocorreriam dentro daquela geração do primeiro século (Mateus 24.34). Portanto, temos a obrigação de interpretar e imaginar o Apocalipse como tendo seu cumprimento apenas no primeiro século depois de Cristo. Somente a partir da segunda metade do capítulo 20 é que o livro narra eventos que estão bem longe dos dias de João, e que ainda são futuros a nós.

Sobre essa praga ocorrida no mar, o historiador Flavio Josefo disse algo que se encaixa neste versículo:

“No entanto, um grande número de judeus, tanto dos que se haviam revoltado contra os romanos, como dos que haviam fugido para as cidades de que se haviam apoderado, reconstruíram Jope, que Céstio havia destruído e, não podendo encontrar com o que viver em terra, por causa da devastação dos campos, construíram um grande número de pequenos navios, puseram-se ao mar e percorrendo as costas da Fenícia, da Síria e mesmo do Egito, perturbaram com sua pirataria, todo o comércio daqueles mares.(274)

Os que haviam fugido de Jope estavam então naquela baía e apenas o dia começou a raiar, o vento, a que chamam de verão negro, soprou com tanta violência, que jamais se viu tempestade mais horrível. Uma parte dos navios quebrou-se, chocando-se uns contra os outros, outros se espatifaram contra os rochedos, outros querendo, à força de remos, alcançar o mar alto, para evitar a praia, onde as pedras os esperavam e os romanos também tornavam-na igualmente temível,

acharam-se, num momento, elevados sobre montanhas de água e precipitados em seguida aos abismos, que aquela espantosa tempestade lhes abria.

Assim, não restava àquele povo miserável, em tal contingência, nenhuma esperança de salvação, porque, quer eles se afastassem da terra, quer dela se aproximassem, não podiam evitar de perecer, tanto pelo furor do mar, como pelas armas dos inimigos. O ar entrecortava-se de gemidos dos que haviam ficado nos navios esfrangalhados; viam-se de todos os lados, uns, afogarem-se, outros matarem-se de desespero, outros, atirados pelas vagas contra os rochedos, onde eram mortos pelos romanos. Assim o mar não somente estava coberto de naufrágios, mas também tinto de sangue; contaram-se até quatro mil e duzentos corpos que ele atirou à praia”.¹⁷

Em outra seção, Josefo ainda acrescenta:

Os navios que Vespasiano mandara construir ficaram prontos, foram postos no lago e ele embarcou com tantos soldados quantos necessários para a empresa que intentava, contra os que haviam fugido para o lago. Então não lhes restou mais esperança de salvação. Eles não ousavam vir por terra, porque lá tudo lhes era contrário; só podiam, com extrema desvantagem, combater sobre as águas, porque suas barcas, que eram próprias para assaltos e pirataria, eram muito fracas para resistir aos navios e tendo poucos homens em cada uma delas, não ousavam atacar os romanos. Por isso, o mais que podiam fazer, era navegar em redor deles, atirando-lhes pedras, de longe e algumas vezes, mesmo, de perto; mas quer de um modo quer de outro, causavam-lhes pouco mal, recebendo ao contrário, graves perdas e prejuízos.

Aquelas pedras só faziam barulho contra as armas dos romanos e quando se aproximavam eram atirados à água, e suas barcas reviradas. Os romanos matavam a golpes de dardos os que lhes estavam ao alcance das armas e a golpes de espada, os que estavam nas barcas. Aprisionaram ainda outros com barca e tudo, quando rodeados por mais de uma embarcação; matavam a golpes de flechas, ou faziam afundar com as barcas, os que procuravam salvar-se;

cortavam a cabeça ou as mãos, aos que, no auge do desespero a eles vinham nadando. Assim aqueles infelizes iam perecendo um por um, de maneiras diferentes, até que, inteiramente derrotados e querendo fugir para a terra, foram mortos no lago, a flechadas, e os outros, que estavam perto da terra, bem como os que já tinham desembarcado não tiveram melhor sorte, de tal modo, que nem um só escapou com vida, naquela horrível matança. O lago estava todo vermelho de tanto sangue, suas margens, cheias de naufragos e ambos cobertos de cadáveres.

Poucos dias depois, aqueles corpos inchados e lívidos corromperam o ar de tal modo, com seu mau cheiro, que toda aquela região ficou contaminada. O espetáculo era tão horrível que não somente causava espanto aos judeus, mas obrigava os romanos a se lastimarem também, embora eles mesmos fossem os culpados de tudo. Tal o desenlace do combate naval, que pereceram nele e na cidade cerca de seis mil e quinhentos homens”.¹⁸

A Terceira Trombeta: Às Águas são Atingidas

“O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, ardendo como tocha”. (Apocalipse 8.10)

Em Apocalipse 6.13 vimos algo semelhante:

“...as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes...”

Há varias profecias do Antigo Testamento que falam sobre estrelas e os exércitos do céu:

Isaiás 13.10 - *“Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz”.*

Ezequiel 32.7, 8 – *“Quando eu te extinguir, cobrirei os céus e farei enegrecer as suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não resplandecerá a sua luz. Por tua causa, vestirei de preto todos os brilhantes luminares do céu e trarei trevas sobre o teu país, diz o SENHOR Deus”.*

Joel 2.10 – *“Diante deles, treme a terra, e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor”.*

Joel 3.15 – *“O sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor”.*

Em nenhum destes casos citados ocorreu algo literal. O simbolismo aqui é o desagrado de Deus contra as nações. Desta forma o julgamento de Deus contra as nações simbolizadas pelos astros celestes cai sobre governos, príncipes e autoridades. No caso em questão aqui em Apocalipse 8.10 temos especificamente *“uma grande estrela ardendo como tocha”*. O fato de João referir-se a somente uma “estrela” pode significar uma grande pessoa ou cidade. O próprio Senhor Jesus Cristo é profetizado como uma estrela que procederia de Jacó:

“Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmporas de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete”.

(Números 24.17)

O profeta Isaías também chama Babilônia de estrela:

“Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!” (Isaías 14.12)

Babilônia era um importante império e também uma cidade. Pela sua posição, o seu juízo é retratado como que de uma estrela caindo do céu. A cidade de Jerusalém, e seu juízo, é retratado da mesma forma. A terça parte dos rios e das fontes das águas sendo atingidas nos remete ao profeta Zacarias:

“Em toda a terra, diz o SENHOR, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela.

Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: é meu povo, e ela dirá: O SENHOR é meu Deus”. (Zacarias 13.8-9)

“O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas”. (Apocalipse 8.11)

O que vemos aqui em Apocalipse é a mesma cena que pode ser encontrada no profeta Jeremias:

“Quem é o homem sábio, que entenda isto, e a quem falou a boca do SENHOR, homem que possa explicar por que razão pereceu a terra e se queimou como deserto, de sorte que ninguém passa por ela?

Respondeu o SENHOR: Porque deixaram a minha lei, que pus perante eles, e não deram ouvidos ao que eu disse, nem andaram nela.

Antes, andaram na dureza do seu coração e seguiram os baalins, como lhes ensinaram os seus pais.

Portanto, assim diz o SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que alimentarei este povo com absinto e lhe darei a beber água venenosa.

Espalhá-los-ei entre nações que nem eles nem seus pais conheceram; e enviarei a espada após eles, até que eu venha a consumi-los”.

(Jeremias 9.12-16 – o grifo é meu)

*“Portanto, assim diz o SENHOR dos Exércitos acerca dos profetas: **Eis que os alimentarei com absinto e lhes darei a beber água venenosa**; porque dos profetas de Jerusalém se derramou a impiedade sobre toda a terra”. (Jeremias 23.15 – o grifo é meu)*

Absinto é uma planta composta, de sabor amargo e aromático. Essa erva representa amargura conforme Lamentações 3.15, 19. Também é uma representação do castigo de Deus (Provérbios 5.4; Jeremias 9.15; 23.15). A primeira praga no Egito foi um ataque as águas potáveis (Êxodo 7.20-21). Ao contrário da maldição nas águas, para o seu povo, Deus tornou doces as águas amargas (Êxodo 15.25-26).

O uso do Absinto “para designar alimentos ou água era um sinal de sofrimento extremo. Neste contexto, o nome da estrela cadente foi chamado Absinto, por causa dos efeitos amargos que acompanham a queda dos poderes simbolizados aqui, que participaram do cerco e a destruição de Jerusalém. Foi tão revoltante que mesmo a imagem mental da putrefação física se transforma em náuseas, a amargura de que só poderia significar Absinto”.¹⁹

E para ser mais literal, é de importância “lembrar que exércitos invasores, muitas vezes bloqueavam, enchiam, e envenenavam o abastecimento de água durante a guerra. O veneno era especialmente destrutivo porque o homem e o animal eram destruídos por seu efeito, não só imediatamente, mas também por semanas, meses, talvez anos, tornando a guerra ainda mais devastadora. E não era só o exército atacante que fazia isso na tentativa de destruir totalmente o seu inimigo, mas o exército que se defendia também faria isso em um esforço para negar água para o inimigo que aproximava. Lemos sobre isto na guerra de Ezequias com Senaqueribe...”²⁰:

“Vendo, pois, Ezequias que Senaqueribe vinha e que estava resolvido a pelejar contra Jerusalém, resolveu, de acordo com os seus príncipes e os seus homens valentes, tapar as fontes das águas que havia fora da cidade; e eles o ajudaram.

Assim, muito povo se ajuntou, e taparam todas as fontes, como também o ribeiro que corria pelo meio da terra, pois diziam: Por que viriam os reis da Assíria e achariam tantas águas?”

(2º Crônicas 32.2-4)

Podemos ter certeza que por causa da habilidade militar e o conhecimento que os romanos possuíam, eles prejudicaram o abastecimento de água em Israel.

A Quarta Trombeta: Os Céus são Atingidos

“O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, tanto o dia como também a noite”.

(Apocalipse 8.12)

Já vimos neste comentário algo similar no sexto selo. Vale à pena lembrar:

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes...”.

(Apocalipse 6.12-13)

Existem duas possibilidades no julgamento da quarta trombeta, são elas:

1. Podemos ter na quarta trombeta uma nova descrição do sexto selo;
2. Ou um novo tipo de julgamento usando simbologia semelhante.

É possível notar aqui em Apocalipse que João está profundamente mergulhado no Antigo Testamento. Ele constantemente tem sua mente ligada em textos do Antigo Testamento. Ele nos remete a Isaias 24.1, 3-6, 21-23 que mostra a situação de Israel no julgamento do Apocalipse:

“Eis que o SENHOR vai devastar e desolar a terra, vai transtornar a sua superfície e lhe dispersar os moradores”.

“A terra será de todo devastada e totalmente saqueada, porque o SENHOR é quem proferiu esta palavra.

A terra pranteia e se murcha; o mundo enfraquece e se murcha; enlanguescem os mais altos do povo da terra.

Na verdade, a terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna.

Por isso, a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados; por isso, serão queimados os moradores da terra, e poucos homens restarão”.

“Naquele dia, o SENHOR castigará, no céu, as hostes celestes, e os reis da terra, na terra.

Serão ajuntados como presos em masmorra, e encerrados num cárcere, e castigados depois de muitos dias.

A lua se envergonhará, e o sol se confundirá quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; perante os seus anciãos haverá glória”.

Todos os imperadores romanos e as autoridades judaicas foram assassinados e destruídos. De acordo com Ralph E. Bass, Jr., os imperadores “Gaius, Claudius, Nero, Galba, Otão, Vitélio, todos morreram por homicídio ou suicídio; Herodes, o Grande, Herodes Antipas, Herodes Agripa, e a maioria dos Príncipes herodianos, juntamente com não poucos dos sacerdotes de Jerusalém, morreram em desgraça, ou no exílio, ou por mãos violentas. Todos estes foram sóis e estrelas que foram escurecidas.

Uma grande parte da conta de Josefo da destruição de Israel lida com a morte de seus vários líderes, os homens que teriam mantido Israel em sua guerra com Roma, ou homens que teria arranjado uma paz rápida e amável se autorizados a fazê-lo. No entanto, os fanáticos, e “ladrões”, como Josefo os chama, outra vez conspiraram

contra e assassinaram os líderes religiosos e políticos que poderiam ter salvado Israel da destruição que sofreu”.²¹

“Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!”

(Apocalipse 8.13)

A insígnia da “águia” era um símbolo gravado nos escudos e estandartes do exército romano. A “águia” aqui em questão pode significar o exército romano “usado como instrumento do Senhor assim como Ele havia usado as forças políticas no passado para disciplinar Seu povo”.²²

Curiosamente, em Deuteronômio 28, onde fala das maldições e julgamento contra Israel, caso este se apostatasse dos caminhos do Senhor, temos uma alusão a águia:

“Porquanto não serviste ao SENHOR, teu Deus, com alegria e bondade de coração, não obstante a abundância de tudo.

Assim, com fome, com sede, com nudez e com falta de tudo, servirás aos inimigos que o SENHOR enviará contra ti; sobre o teu pescoço porá um jugo de ferro, até que te haja destruído.

O SENHOR levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o vôo impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não respeitará ao velho, nem se apiedará do moço”.

(Deuteronômio 28.47-50)

Na verdade, os caldeus eram descritos sob a figura de uma águia. Estes versículos são uma previsão exata sobre a vinda de Roma contra Israel, pois se diz que “uma nação de longe, da extremidade da terra virá”, e justamente Roma era um país “muito mais distante do que a Caldéia; cujas conquistas foram tão rápidas como o vôo da águia [...] e falavam uma linguagem à qual para os judeus era, então, completamente estranha, sendo totalmente diferente da língua hebraica...”.²³

Outro detalhe que não pode ser esquecido, é que, Jesus disse:

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.

Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres”.

(Mateus 24.27-28)

Segundo o bispo Hermes C. Fernandes, na verdade, o que o Senhor Jesus tentou dizer com isto, é que “trata-se de um provérbio muito popular nos dias de Jesus, cujo significado real é *“Onde houver motivos para juízo, aí haverá juízo”*. Neste caso, Jerusalém e os judeus seriam os cadáveres que teriam atraído as águias romanas (**Os abutres eram considerados uma espécie de águia**). Isso também é profetizado por Oséias, que diz: *“Põe a trombeta à tua boca. Ele vem como a águia contra a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança, e se rebelaram contra a minha lei”* (Os. 8:1). Não era por coincidência que a insígnia romana gravada nos escudos e estandartes do seu exército era uma águia”.²⁴

Bibliografia do Capítulo 8 _____

1. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 207.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 208.
3. Artigo: Apocalipse: Lição 16
As Primeiras Quatro Trombetas (Apocalipse 8:1-13)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_16.htm
Acessado Domingo, 26/4/2015
4. Idem nº 1, pg. 208.
5. E-book: Sem Arrebatamento Secreto
Um Guia Otimista para o Fim do Mundo, pg. 48
Autor: Jonathan Welton, Th.D
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada
Site: www.revistacrista.org
6. Revista "Notícias de Israel", pg. 5, Ano 28 - Nº 6, Junho de 2006.
Site: www.chamada.com.br
7. Idem nº 6.
8. Idem nº 6.
9. Idem nº 1, pg. 211.

10. Idem nº 1, pg. 211.
11. Idem nº 3.
12. Idem nº 1, pg. 213.
13. Livro: A História dos Hebreus, pg. 1382.
(e-book disponível na internet)
Autor: Flávio Josefo
Casa Publicadora das Assembléias de Deus
8ª edição: 2004
14. E-book: Desmascarando o Dogma Dispensacionalista, pgs. 30, 31.
Autor: Hank Hanegraaf
Traduzido e Adaptado por F.V.S. de:
HANEGRRAFF, Hank.
El Código del Apocalipsis.
Nashville: Grupo Nelson, 2008
Publicado no site da Revista Cristã Última Chamada.
Site: www.revistacrista.org
15. Idem nº 3.
16. Idem nº 1, pg. 214.
17. Idem nº 13, pg. 1238.
18. Idem nº 13, pg. 1248.
19. Idem nº 1, pg. 220.
20. Idem nº 1, pg. 221.
21. Idem nº 1, pg. 222.
22. Idem nº 1, pg. 223.
23. Idem nº 1, pg. 224.
24. Artigo: Predições de Cristo
Autor: Hermes C. Fernandes

Publicado na Revista Cristã Última Chama
Data: Dezembro de 2011, pg. 14.
Site: www.revistacrista.org

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...



Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

